

CARTAS A PAPAI NOEL: confissões autobiográficas

LETTERS TO SANTA CLAUS: autobiographical confessions

Bernardina M^a. Juvenal Freire de Oliveira*

Derek Warwick da Silva Tavares**

Brenda Alves de Andrade***

RESUMO

A pesquisa utilizou-se das cartas natalinas enviadas por crianças, jovens e adultos do Estado da Paraíba à Empresa de Correios e Telégrafos do Brasil, por meio do programa social intitulado *Papai Noel dos Correios*, versão 2009. Neste ano, deixaram de ser contempladas dez mil cartas (10.000), universo de estudo e análise desta pesquisa que as toma como fonte de informação e de memória, objetivando compreender como os missivistas se revelam nessa prática de escrita de si, destacando a identidade; as representações de Papai Noel e suas práticas culturais e, ainda, os aspectos memorialísticos, a partir da articulação entre a identidade e as representações. Adotou-se como recurso metodológico a perspectiva indiciária de Ginzburg (1990) associada à análise de conteúdo de Bardin (1989). A pesquisa revelou, através dos discursos evidenciados nas epístolas natalinas, uma identidade e uma representação social e coletiva por parte dos missivistas, a respeito do personagem da cultura material moderna: o *Papai Noel*.

Palavras-chave: Escrita de si. Cartas. Representações. Autobiografia.

ABSTRACT

This research used Christmas letters sent by children, youth and adults from the State of Paraíba to the Postal and Telegraph Company of Brazil through its social program entitled "*Papai Noel dos Correios*" [Post Office's Santa Claus], 2009 version. In that year, ten thousand (10,000) letters were not included in the program. They represent the universe of study and analysis of this research, which considers the letters as a source of information and memory and aims to understand how the senders of the letters reveal

themselves through this practice of self writing, highlighting the identity, the representations of Santa Claus, their cultural practices as well as the memorialistic aspects, based on the articulation between the identity and the representations. The methodological resource adopted is the Ginzburg's evidentiary perspective (1990) associated with the Bardin's content analysis. This research revealed, through the discourses evidenced in the Christmas letters, an identity and a social and collective representation by the correspondents concerning this character of the modern material culture, the Santa Claus.

Keywords: Self Writing. Letters. Representations. Autobiography.

1 INTRODUÇÃO

O conhecedor de arte é comparável ao detetive que descobre o autor do crime (do quadro) baseado em indícios imperceptíveis para a maioria (GINZBURG, 1990, p. 145).

O estudo versa sobre o singular, temporal e histórico objeto – cartas – uma vez que a concebemos como fonte memorialística. Tais memórias são, por vezes, extraídas de cartas pessoais, manuscritas ou datilografadas, que formam diversas coletâneas que compõem arquivos públicos e privados. Nelas, é possível rastrear informações sobre a vida de quem as escreveu e de seu(s) correspondente(s), como forma de (re)significar a memória dos envolvidos, além de traduzir-se como

informações fortes¹, segundo a categoria moraniana (MORIN, 1986). Tais informações revelam aspectos do pensamento e das representações. Ou seja, a correspondência testemunha uma época e as redes de relações estabelecidas no espaço de sociabilidade construída entre os sujeitos que produzem e recebem cartas.

Nesse sentido, o estudo tem como foco e fonte de análise as cartas endereçadas ao *Programa Papai Noel dos Correios*, versão 2009. O programa está há mais de 20 anos em atividade, nos 28 Estados da Federação e no Distrito Federal. Segundo a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT), a proposta

[...] tem como foco principal o envio de carta-resposta às crianças que escrevem ao Papai Noel. Além de estimular a redação de cartas manuscritas pelas crianças, a campanha incentiva a solidariedade dos empregados e da sociedade (ECT, 2010).

Ainda segundo dados da ECT, no ano de 2009, foram recebidas 1.981.000 de cartas, das quais apenas 413.602 foram correspondidas ou “adotadas” em toda a Federação Nacional. Na Paraíba, deixaram de ser contempladas 10.000 cartas.

O *Programa Papai Noel dos Correios* estimula, ainda, o culto dado a uma figura não mítica² da nossa sociedade, mas cultural, pelo fato de seus atos serem passados e repassados no tempo, através dos valores sociais em que as sociedades estão inseridas. Nesse caso, o Papai Noel “recebe, aliás, um culto por parte das crianças, em certas épocas do ano, sob a forma de cartas e de pedidos” (LÉVI STRAUSS, 2003, p. 11). É, portanto, por meio dessas

¹Segundo Freire (1999), pensar o contexto sócio-histórico como constitutivo do processo informacional é relevante porque nos conduz a pensar a produção de informações na perspectiva moraniana de informações fortes, fracas e ricas (p. 59).

²Não há um mito que dê conta de sua origem e de suas funções; ainda menos é um personagem de lenda, pois nenhum relato semi-histórico lhe está associado (LÉVI STRAUSS, 2003, p. 10).

cartas que estudamos os aspectos representativos, imaginários e memorialísticos de missivistas paraibanos participantes do *Programa Papai Noel dos Correios*, versão 2009.

No Brasil, estudiosos da Ciência da Informação (CI), sobretudo na última década, têm procurado ampliar as discussões acerca de questões memorialísticas, que se institucionalizaram no Nordeste, a partir da criação do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFPB), no ano de 2006, que tem como uma de suas linhas de pesquisa a “memória, organização, acesso e uso de informações”, seguido da implantação do PPGCI/UFPE. Essa institucionalização se efetiva, ainda, com a criação do Grupo de Trabalho 10: Informação e Memória no âmbito do Encontro Nacional de Pesquisadores em Ciência da Informação (ENANCIB), em 2010. Apesar desse avanço, Oliveira e Rodrigues (2009) reiteram que esses esforços exercem papel periférico no campo da CI, porquanto os estudos ainda estão mais voltados para a Gestão do Conhecimento e da informação, área também em expansão na CI, ficando à margem uma preocupação mais direta e incisiva dos pesquisadores da área com a temática memória e, especialmente, seu significado para a CI. Nesse sentido, urge ampliar as discussões, sobretudo quando se relacionam questões teóricas e práticas referentes à informação, à memória e à identidade, como tentativa de aprofundar as discussões que se vislumbram.

1.1 ESCRITA DE SI: CONFISSÕES DO EU

Os estudos voltados para a análise de cartas já é uma atividade em voga no Brasil, que resulta na publicação de inúmeras coletâneas de cartas oriundas dos séculos XIX e XX, em que se destaca o trabalho organizado por Gomes (2004) intitulado *Escrita de si: escrita da História*. É mais uma tentativa de conhecer

essas possibilidades e de contribuir para a expansão dos estudos autobiográficos e memorialísticos que, nos últimos anos, têm se voltado para o *ethos*, por meio da análise das *hypomnêmatas* que, segundo Foucault (1992), não pode ser vista apenas como um recurso auxiliar da memória, mas como um material cujo movimento visa captar o já dito; reunir aquilo que se pode ouvir ou ler, com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si pelo viés da própria escrita, representada, neste caso, pelas cartas.

O tema da escrita de si, como preconiza Foucault (1992), é centrado não somente para revelar os movimentos interiores de um indivíduo que constitui uma prova ao trazer à luz movimentos do pensar, mas, também, para estabelecer uma relação entre ele e seus documentos. Contudo, o valor semântico, aqui, pode variar, principalmente quando se trata do desejo de unir escritura com escritura de si mesmo.

Essa escrita de si, observada em Foucault (1992), está no fato de escrever para si e para outrem. A escrita aparece, assim, associada ao exercício da reflexão do próprio autor, o pensar sobre si mesmo. Ela se revela como um exercício pessoal, uma estratégia de luta no combate a si mesmo. O autor exemplifica essa assertiva utilizando as *hypomnêmatas*, os livros de apontamentos, os cadernos de anotações pessoais, que serviriam como uma espécie de memória auxiliar, memória central das coisas lidas, vistas, ouvidas, pensadas e refletidas, uma espécie de tesouro acumulado para releitura e meditações posteriores. No mesmo patamar, ele coloca as correspondências, textos, a princípio, produzidos para os outros, mas que abrem espaços também de reflexão e de meditações posteriores, provocando, do mesmo modo, um movimento interior de quem escreve, recebe, guarda e acumula. A respeito da escrita de si, Gomes a define como

[...] um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar produção de si no mundo moderno ocidental. Essa denominação pode ser mais bem entendida a partir da ideia de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos (GOMES, 2004, p. 10).

Essa prática, interpretada como uma autobiografia é vista por Lejune (2008) como um modo de escrever e de ler. Segundo Passegi (2008, p. 27) um modo de:

[...] aparar a si mesmo com suas próprias mãos. Aparar é aqui utilizado em suas múltiplas acepções: segurar, aperfeiçoar, resistir ao sofrimento, cortar o que é excessivo e, particularmente, como se diz no Nordeste do Brasil, aparar é ajudar a nascer. Esse verbo rico em significados permite operar a síntese do sentido de bio-grafar-se, aqui entendido, ao mesmo tempo, como a ação de cuidar de si e de renascer de outra maneira pela meditação da escrita.

Nessa concepção, julgamos que os conteúdos das cartas são afirmações de substancialidade de quem escreve e para quem se envia, ou melhor, para quem também as lê. Os conteúdos que constituem as cartas podem reacender, no indivíduo, um processo de reavivamento do *ethos*, pois elas contam histórias de vida, registros de sociabilidade, reiteram significados e marcam passagens. No entanto, pensar no termo autobiografia leva, em um primeiro momento, a restringir o olhar para um gênero literário específico, quando pensamos a autobiografia sob a perspectiva arquivística, já em sua definição: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular, a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14). Ainda segundo Lejeune (2008), a palavra autobiografia foi importada da Alemanha, pelos idos do século XIX, para designar, distintamente, duas coisas

diferentes: a primeira e mais restrita, como sendo escrita de vida de um sujeito por ele próprio, enquanto a segunda, contrariamente, declara a autobiografia como todo texto e qualquer texto, independentemente de sua forma, e cujo teor tenha a intenção secreta ou confessa de contar sua própria trajetória de vida. A autobiografia também pode se revelar como a interpretação do narrador na busca do vivido de outrem, uma forma de entrar intimamente na vida do outro, situando-a no tempo e no espaço, dando-lhe seu lugar na história, informação que provém de diferenciadas fontes. Lejeune (2008, p. 184) afirma que “a evocação do vivido produz um efeito de emoção e de presença que enriquece nossa experiência imaginária, mas não forçosamente nossa compreensão real do mundo, do outro e de nós mesmos”.

Nesse sentido, abordamos a teoria, na perspectiva da prática epistolar, que se caracteriza por ser uma ação por meio da qual remetente e destinatário se relacionam de forma imaginativa e descritiva indireta de um para com o outro. Isto mostra que essa ação, do ponto de vista da pesquisa histórica memorialística, deve ser analisada a partir da concepção de que essas cartas compõem redes de relações onde os indivíduos participam sem a percepção do presente futuro. A carta, nesse caso, “é um instrumento de configuração da própria identidade. Através dela, o autor se constrói para o leitor, mesmo que inconscientemente” (VENÂNCIO, 2004, p. 124; apud, CASTILLO GOMEZ, 2001, p.819); e SIERRA BLAS, 2002). A prática epistolar de um indivíduo analisada neste trabalho passa pelo fundamento de que ela

[...] só existe em função de um outro, para quem se enuncia uma fala e de quem se aguarda resposta” [...] É através dela que as pessoas, mesmo distantes fisicamente, podem trocar ideias e afetos, construir projetos mútuos ou discutir planos opostos, estabelecer pactos ou polêmicas

e organizar ações (VENÂNCIO, 2004, p. 113).

Portanto, voltar os estudos para o campo das correspondências é voltar-se para os estudos da escrita de si, da autobiografia e das representações sociais, através da busca e da utilização dos discursos nela materializados. Miranda (2003, p. 39) assevera que

[...] essa prática consiste em deparar-se com um universo de lembranças exteriorizadas, resíduo de um saber escritural em ritmo acelerado de apagamento; [...] é fazer do resíduo a ponte para a fixação, sob a óptica comparatista de um corpus que possa oferecer respostas mais convincentes à indagação do que é escrever entre nós.

Essa concepção vai se delineando pelo valor que congrega, ao mesmo tempo em que permite, a subsistência de enunciados e sua regular transformação (MIRANDA, 2003). Daí vão se concebendo os arquivos e as coleções que permitem construir e retirar máscaras de um tempo presente. Como assegura Moreira (2004), “as correspondências constituem um tipo de discurso que encontra obrigatoriamente em seu caminho um componente – o tempo”. As cartas, por sua vez, não podem ser vistas apenas como documentos que devem ser interpretados, vislumbrando a “reconstituição” do passado, mas como um “monumento”, preservando sua autonomia e complexidade (LE GOFF, 1994).

Por outro lado, Miranda (2003, p. 35) assegura que proceder a uma análise nesses fragmentos é “restituir ao texto sua gestualidade perdida de escritura, sua dinâmica de transformações, acréscimos, subtrações e apropriações”. Tudo isso enfatiza a relevância temática. Tais leituras possibilitaram reunir fragmentos que demarcam o território da autobiografia e das epístolas como ato dessa leitura e escrita do

real, mantendo-os como objetos testemunhais. Portanto, é necessário apreender os ecos e os entrecruzamentos enunciativos que o próprio autor articula no ato de escrever (FOUCAULT, 1992). É, justamente, no conjunto das cartas analisadas que se busca observar a forma como foram produzidas e colecionadas, tentando, assim, perceber a intencionalidade dos missivistas. Nesse sentido, cada carta parece ser construída numa forma de autoexpressão ou de representação do próprio indivíduo social, da mesma maneira que testemunham os diários e outros escritos que se acumulam nas instituições-memória.

2 METODOLOGIA: perseguindo as cartas: trajetórias de encontros e análises

Segundo Morin (2002, p. 36), “o método só pode se construir durante a pesquisa; ele só pode emanar e se formular depois, no momento em que a palavra transforma-se em um novo ponto de partida, dessa vez dotado de método”. Frente a essa assertiva, o método, assim como as características de uma metodologia de pesquisa que se pretende histórica, decorreu, efetivamente, da articulação construída ao longo do caminho, sobretudo, quando se considera a especificidade do fenômeno proposto como pesquisa de base documental, por meio de fontes primárias³ e secundárias⁴. A pesquisa documental toma o documento como objeto de análise e, nesse caso específico, constitui-se de um conjunto de cartas recebidas pelo *Programa Papai Noel dos Correios*, num total de 10.000 (vinte e três mil), do qual foram analisadas – considerando-se, inclusive, sua materialidade – 1.911 cartas em decorrência do volume e do tempo para análise.

³Por fontes primárias, entendemos aquelas que ainda não sofreram intervenções interpretativas e que se constituem como os documentos de arquivo.

⁴As fontes secundárias são os documentos frutos de análise das fontes primárias.

Dentre os vários critérios de escolha de fontes primárias apontados por Aróstegui (2006), adotamos o “critério intencional”, considerando também o critério de classificação e depuração dos dados: fiabilidade (veracidade, autenticidade) das fontes e sua adequação aos propósitos da pesquisa, tendo em vista que classificar arquivos pessoais é, sem dúvida, uma arte, pois consiste, primeiramente, em remontar ou reunir documentos, de forma que esse arranjo permita uma releitura da vida cotidiana, dos gostos, dos prazeres e fazeres. As relações de amizade ou de trabalho, as dificuldades e os limites da vida de seu titular e, outras tantas, de sociabilidades cultivadas em sua travessia.

Tal característica fez surgir a primeira das muitas dificuldades do processo classificatório, organizacional e analítico desses documentos, pois uma mesma carta carrega indícios de sua identidade e de suas representações. Logo, as funções se misturam, exigindo do pesquisador um olhar mais atento, arguto sobre o documento, como fonte indispensável à construção de uma informação identitária.

Com efeito, os documentos se apresentam como produtos que, gerados a partir de articulações e construções lógicas, ganham formas nem sempre lineares, porém capazes, em si mesmas, de traduzir, de contar e de (re)construir sua identidade sob a forma de uma organização, possibilitando uma releitura escritural de uma intimidade posta. Desse modo, pode-se dizer que há uma estreita ligação entre as fontes documentais e a construção de uma “escrita de si”, no sentido foucaultiano, principalmente quando se trata de cartas manuscritas, de maneira que essa junção poderá suscitar elementos novos que oportunizem ampliar o entendimento no campo da memória e da Ciência da Informação.

A análise das fontes de informação induziu-nos à busca e à adoção do conceito de análise documental que, segundo Aróstegui (2006, p. 508), é “o conjunto de princípios e de operações técnicas que permitem estabelecer a fiabilidade e adequação de certo tipo de informações para o estudo e explicação de um determinado processo histórico”. Trata-se, em síntese, de olhar não só o texto como produto da obra, mas analisá-lo em um processo dinâmico, ou seja, a escritura, a textualização, sua produção e, até mesmo, sua distribuição, circulação e recepção. Daí a importância do uso de fontes primárias como alargamento dessa compreensão dos estudos voltados para as representações sociais, a história e a memória da autobiografia e/ou escrita de si, procurando descortinar aspectos da vida pessoal e cultural dos correspondentes.

Para Pinheiro (2000), o método de organização por análise e exposição considera a discussão conceitual e o uso de categorias, permitindo organizar os tópicos e as questões prioritárias que influenciam na interpretação e na análise do material. Essa escolha deve-se, também, à possibilidade de visualizar conexões e mediações possíveis dos fatos que conduzam à busca e à superação das percepções imediatas. Nesse caso, a análise da prática epistolar requer uma leitura criteriosa desses documentos íntimos – que, no caso específico deste estudo, são as cartas – tendo em vista diversos aspectos: “o conteúdo das cartas, as condições de sua redação e leitura, as circunstâncias das trocas, sua conformidade (ou não) com as convenções” (DAUPHIN; POUBLAN, 2002). Nesse caso, as cartas são fontes da história extraída de um conjunto de missivas pessoais, manuscritas e/ou datilografadas, que compõem diversas coletâneas e, nelas, a busca de informações sobre a vida de quem a escreveu e de seu(s) correspondente(s), como maneira de promover e preservar a memória dos envolvidos, além de extrair

desses mesmos documentos informações fortes (MORIN, 1986) que revelam aspectos do pensamento e das representações. Isso significa que a correspondência testemunha uma época e as redes de relações estabelecidas no espaço de sociabilidade construída entre os sujeitos que produzem e recebem cartas.

Nesse sentido, a pesquisa se utiliza “[...] de um método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores. Desse modo, pormenores normalmente considerados sem importância, ou até triviais, ‘baixos’[...]” (GINZBURG, 1990, p. 149-150). Dessa forma, seguindo os aspectos indiciários contidos no interior de cada carta, tivemos acesso às representações e a alguns vestígios da vida cotidiana de sujeitos históricos em fase de sua adolescência, que registram um pouco de seus anseios, necessidades, dramas e desejos nessas epístolas. Então, além de ter característica indiciária, a pesquisa apresenta um foco nas abordagens descritivas do tipo qualitativa. Essa abordagem, segundo Gil (1999, p. 46), “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.” Logo, investigam-se, neste estudo, através das representações sociais de crianças, adolescentes e adultos do Estado da Paraíba e de cartas supostamente enviadas a uma figura imaginativa do Papai Noel, os traços identitários dos missivistas e as representações construídas em relação a esse personagem em uma amostra de 1.911 cartas analisadas dentro de um total de 10.000.

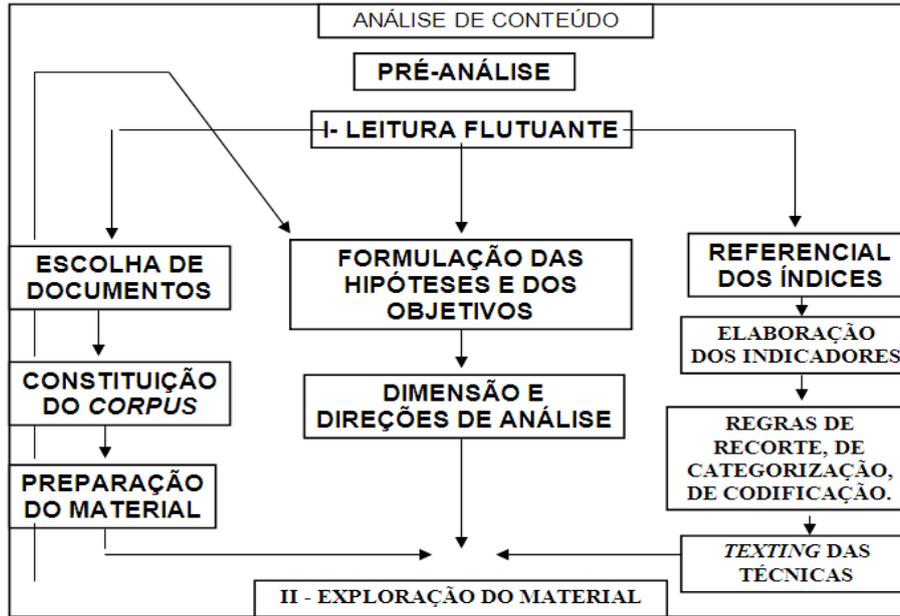
Nesse caso, para que fossem analisados esses vestígios, tomamos como método base a análise de conteúdo de Laurence Bardin, que a define como “um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de

descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 1997, p. 38).

Defendemos, ainda, que a informação, seja ela derivada de diversas formas (escrita, oral, documental, gestual, figurativa), expressa significados próprios que devem ser a tarefa

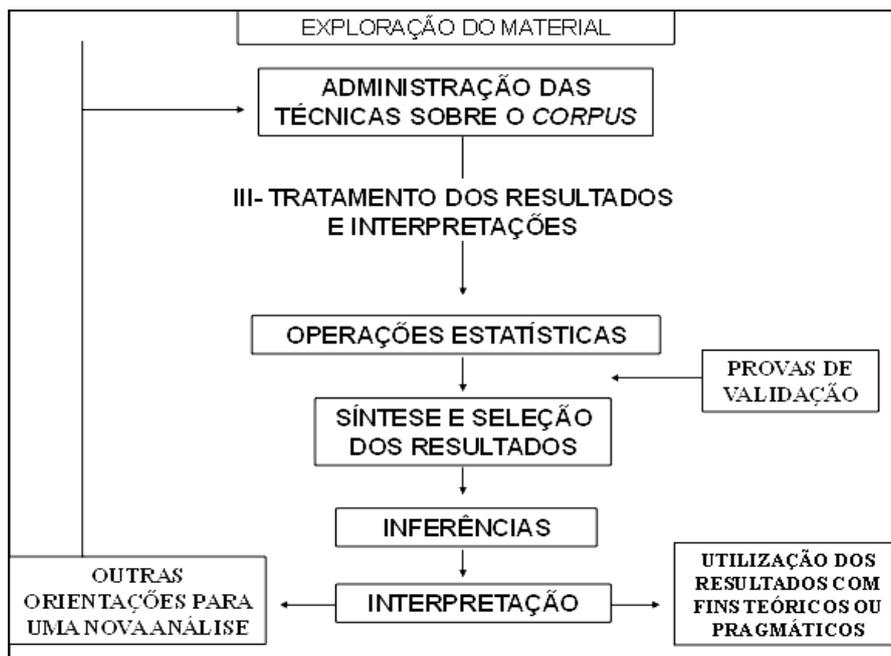
do pesquisador ao lidar com esse tipo de técnica, ou seja, decifrar as subjetividades do conteúdo informacional. Nesse sentido, a análise de conteúdo foi utilizada seguindo o modelo proposto por Bardin (1989), exposto, esquematicamente, abaixo:

Gráfico 1 - Estrutura da pré-análise de conteúdo



Fonte: BARDIN (1989) *L'Analyse de contenu*. Adaptação de Sheva Maia Nóbrega

Gráfico 2 - Exploração do material em análise de conteúdo



Fonte: BARDIN (1989) *L'Analyse de contenu*. Adaptação de Sheva Maia Nóbrega

Sob uma perspectiva metodológica e ainda por um princípio de respeito à identidade civil de cada participante, foram revelados apenas: o seu local de morada e o gênero. Portanto, segue abaixo a Tabela 1

que, numa tentativa de melhor representar a origem dos discursos missivistas, apresenta os bairros da cidade de João Pessoa onde foram identificados os discursos dos missivistas.

Tabela 1 – Tabela de abreviações dos Bairros de João Pessoa

SIGLA BAIRROS	NOME DO BAIRRO
BI	Bairro das Indústrias
CA	Cruz das Armas
CS	Costa e Silva
GR	Grotão
GM	Gervásio Maia
JP	João Paulo II
PZ	Padre Zé
RA	Rangel
VA	Varadouro
VF	Valentina de Figueiredo

Fonte: Dados da pesquisa 2010/2011.

2.1 CARACTERÍSTICAS DAS CARTAS

As cartas são produzidas por um autor inserido no seu tempo e no seu espaço social, que se utiliza de um objeto da cultura material, sobretudo na sociedade atual, em que o comum seria a utilização das tecnologias de comunicação e informação e adota como veículo de comunicação a carta para comunicar-se com o outro. Mas não podemos considerar essas cartas como formas “naturalizadas” e “espontâneas” de expressão, já que são regidas por normas sociais. Ainda que a carta seja um modo de comunicação em “desuso”, sua função ainda é capaz de formar redes sociais competentes para a difusão, a elaboração e a investigação do conhecimento.

As cartas enviadas pelos missivistas se apresentam revestidas de tecnologias

múltiplas, ou seja, o missivista expõe seus sentimentos, imprimindo-lhes formas e ilustrações. Acerca dessas formas, é possível afirmar que as epístolas têm características físicas semelhantes, na quase totalidade das cartas que já foram mapeadas e analisadas. Quase todas são produzidas em suporte material - o papel - muitas vezes recortado em vários pedaços e distribuídos entre outros missivistas, que a redigem de forma manuscrita. Essa redação, basicamente, consiste de um só estilo redacional - o escrito em primeira pessoa, que solicita algo e relata fatos de sua vida, tipificando-a como carta pessoal. Em relação às ilustrações, apresentam-se em consonância com o número de cartas manuscritas, mesmo que seja um simples desenho. É possível encontrar figuras representativas do Papai Noel, dos brinquedos que querem receber, ilustrações do que acreditam ser o coração e figuras

humanas que representam elas mesmas. Escapa dessa quase “generalização” de formas e ilustrações um grupo de vinte cartas reproduzidas igualmente pelo mesmo remetente. A forma de elaboração dessas vinte cartas diverge das demais porque, sendo digitadas, parece revelar a familiaridade do missivista ou de seu porta-voz com o computador, o que chama atenção, quando consideramos que a maior parte dos missivistas são oriundos dos bairros de menor renda do município de João Pessoa.

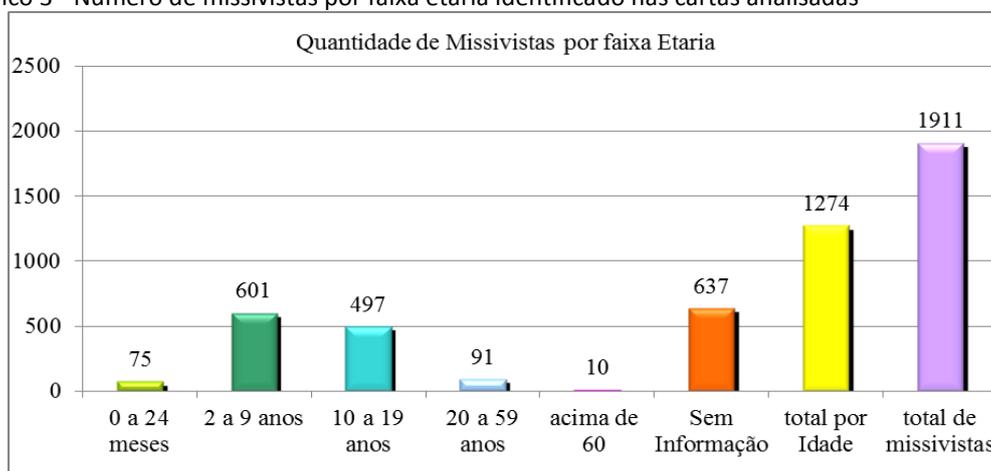
3 LENDO CARTAS, OUVINDO CONFISSÕES

Segundo Foucault (1992, p. 131), “[...] exercer a escrita na ordem dos movimentos internos da alma que, nesse sentido, ela tem um papel muito próximo da confissão [...]” e é a partir das confissões que caracterizamos a singularização do sujeito no gesto de escrita, a confissão é o ponto de aplicação aos

movimentos do pensamento. Cada sujeito é único, tem suas peculiaridades, no entanto, foi através de suas confissões nas cartas analisadas que se identificou uma forte relação entre a maioria delas. Cada missivista é único, na forma de expor seus pensamentos, de organizar suas ideias, de exprimir seus sentimentos por meio de formas e ilustrações, de caprichar mais a caligrafia ou não, no entanto, sanar as necessidades básicas foi o ponto comum entre quase todos eles.

Nesse sentido, a análise demonstrou que, apesar de o *Programa Papai Noel dos Correios* estar direcionado apenas para crianças, ele persegue outros caminhos. Pessoas de todas as idades buscam realizar sonhos através de confissões e apelos ao Papai Noel, desnudando suas vidas sem nenhum pudor, apenas com o fim de serem atendidas.

Gráfico 3 - Número de missivistas por faixa etária identificado nas cartas analisadas



Fonte: Adaptação do padrão de faixa etária utilizado pela Secretaria de Saúde.

De acordo com o gráfico 3, a maioria dos missivistas se encontra na faixa etária entre dois e nove anos, somando-se um total de 601 cartas; depois, o segundo maior grupo, entre 10 e 19 anos, com 497 cartas. Ainda em número menos expressivo, verificamos um total de 10 missivistas com idades acima de 60 anos. Percebemos aqui que, apesar da idade, o desejo de realizar um sonho está vivo nessas pessoas, provavelmente, em função de

não terem tido oportunidade de alcançar e/ou realizá-los. Por outro lado, o número mais expressivo foi em relação à quantidade de cartas que não tinham a identificação de idade no teor do conteúdo, com o total de 637 cartas.

Apesar das diferentes faixas etárias, os pedidos se repetem a cada carta identificada. Crianças de sete, nove anos ou adultos de

trinta, quarenta, cinquenta anos, parecem ecoar um só grito de socorro. “Sonho lírico de um discurso que renasce em cada um de seus pontos, absolutamente novo e inocente, e que reaparece sem cessar, em todo o frescor, a partir das coisas, dos sentimentos ou dos pensamentos” (FOUCAULT, 1970, p, 23). A coincidência em que convivem essas pessoas transforma os seus discursos. Apesar de peculiares, seus comentários reaparecem, palavra por palavra, nas cartas, independente de sua faixa etária.

Partindo, portanto, do pressuposto de que, em uma pesquisa, o método só pode ser destacado no momento de sua problematização ou, como afirma Goldenberg (2002, p. 14), “o que determina como trabalhar é o problema que se quer trabalhar: só se escolhe o caminho quando se sabe aonde se quer chegar”, a pesquisa adotou o método de análise de conteúdo, associado à lógica de pesquisa documental, com o objetivo de categorizar o discurso dos

missivistas. Para isso, tomamos a noção de que

Quando um pesquisador utiliza documentos objetivando extrair dele informações, ele o faz investigando, examinando, usando técnicas apropriadas para seu manuseio e análise; segue etapas e procedimentos; organiza informações a serem categorizadas e posteriormente analisadas; por fim, elabora sínteses, ou seja, na realidade, as ações dos investigadores – cujos objetos são documentos – estão impregnadas de aspectos metodológicos, técnicos e analíticos. (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI; 2009, p. 4).

Nesse caso, foram estabelecidas em acordo com a delimitação de análise da pesquisa, três categorias de análises que se demonstraram mais latentes no decorrer da pesquisa através da leitura profunda e analítica do conteúdo das cartas.

Tabela 2 – Categorias analíticas

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
PAPAI NOEL	REAL
	IMAGINÁRIO
IDENTIDADE	AUTOBIOGRAFIA ESCRITA DE SI
TECNOLOGIAS	COMUNICAÇÃO ACESSO A REDE

Fonte: Dados da pesquisa 2010/2011.

Tabela 3 – Categoria analítica “Papai Noel”

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	DISCURSO REPRESENTATIVO
	IMAGINÁRIO	<p>“Se desse pra dar um retrato do senhor eu ficaria feliz ia ser o melhor natal da minha vida tem gente que não acredita no senhor mais eu acredito.” (GRm1)</p> <p>“Eu tenho vontade de te conhecer Papai Noel, tocar na sua barba e nos seus cabelos brancos.” (GRf2)</p> <p>“Varias amiginhas minha não acredita em papai Noel, mas</p>

PAPAI NOEL	REAL	<p><i>eu acredito e sempre vou acreditar no meu querido velhinho.” (PZf1)</i></p> <p><i>“Tenho 26 anos e ainda acredito em papai Noel.” (GMf1)</i></p> <p><i>“estou lhe pedindo por quê minha mãe não trabalhar e não têm condissão para comprar as roupas dos bichinhos e porço que eu estou li escrevendo. Se minhar mãe tivesse condissão eu não estaria li escrevendo não [...]”. (RAf2)</i></p>
------------	------	--

Fonte: Dados da pesquisa 2010/2011.

Nos discursos dos missivistas, buscamos identificar o que “Papai Noel” representa para crianças, adolescentes e adultos da Paraíba. Temos, portanto, uma representação ora real, ora imaginária desse personagem. Para as crianças, temos duas visões: no primeiro discurso, está presente um sentimento de desconfiança, seguido de confiança em relação à crença nesse personagem, o que se configura no fato de necessitar de uma foto do personagem para comprovar sua existência. No segundo discurso, está presente uma descrição com base na crença cultural americana, de um personagem cujas características físicas se apresentam conforme descrito pelo missivista. No quarto e no quinto discursos, embora os missivistas recorram à crença em Papai Noel, essa crença, provavelmente, não se relaciona com a descrita pelo segundo missivista, justificado até mesmo pela idade adulta do quarto missivista e pela racionalidade com que o quinto deles observa a prática do Papai Noel. Nesse caso, a idade e a razão não são obstáculos para se recorrer à figura imaginária do Papai Noel, porque é nela que está depositada a esperança de ambos os missivistas. Em relação a essa característica presente nas cartas, embora compreendamos o contexto social, temporal e espacial do estudo desenvolvido por Claude Levi Strauss, a realidade desvelada neste estudo parece contrapor-se à opinião do autor, no que concerne à caracterização mítica e religiosa do Papai Noel de que “a única diferença em relação a uma divindade verdadeira é que os adultos não acreditam em Papai Noel, embora estimulem suas crianças a crer nele e

sustentem essa crença por um grande número de mistificações” (LÉVI STRAUSS, 2003, p, 11). Portanto, essa diferença não existe em contextos paraibanos, de modo que a figura do Papai Noel não apenas representa o ato de receber brinquedos, mas também de se ter, de alguma forma, um desejo realizado, mesmo que se apresente na condição da fome.

Levi Strauss afirma, ainda, que,

[...] durante todo o ano, invocamos a visita de Papai Noel, para lembrar às crianças que a generosidade dele será medida pelo bom comportamento delas; e o caráter periódico da distribuição dos presentes tem a utilidade de disciplinar as reivindicações infantis, de reduzir a um período curto o momento em que essas têm verdadeiramente o direito de exigir presentes (LEVI STRAUSS, 2003, p, 11).

Diferentemente da descrição elaborada pelo autor, a pesquisa aqui trata de pessoas que não somente requerem brinquedos como presentes de bonificação, mas que, frequentemente, recorrem também à comida, como retratado no discurso do missivista Bf1: *“Como minha mãe não esta trabalhando no momento eu gostaria de saber se o senhor poderia também, de me dar uma cesta básica”*.

Então, como afastar-se da dura realidade de conviver com a fome, ao longo de trezentos e cinquenta e nove dias, sobretudo quando se considera a alimentação condição *sine qua*, reivindicação vital e legal dos missivistas de

ter saciada a fome? Essa é a pergunta que o Papai Noel, paraibano, nordestino e brasileiro deveria responder às cartas dos missivistas. De fato, a celebração ao Papai Noel, no Brasil, e, em especial, ao do *Projeto Papai Noel dos Correios*, é muito mais um ato de se lembrar dos esquecidos do que de presentear, levar um sorriso e atender pequenos desejos, como um par de sandálias havaianas, um quilo de carne, uma cesta básica, um carrinho, um par de roupas, um lápis, um caderno, um vidro de remédio ou, até, material para curativos.

O Papai Noel de Lévi Strauss atende às crianças que são estimuladas pelos adultos para manter viva a tradição. No nosso caso brasileiro, os próprios adultos são pessoas que também buscam esse imaginário do Papai Noel, diferente daquele culturalmente inserido nas mentes sociais, através de suas características muito mais aproximadas de uma cultura americana, de um homem velho, gordo, de barbas e cabelos brancos, de vestimentas avermelhadas e transportado por renas e trenó. É, “em sua forma atual, uma criação moderna. E é ainda mais recente a crença segundo a qual seu meio de transporte seja um trenó puxado por renas e seu domicílio seja na Groenlândia” (LÉVI STRAUSS, 2003, p, 10). Mas o de um homem pertencente à mesma sociedade dos missivistas, com um sentimento caridoso representado na figura do Papai Noel, ou melhor, do “bom velhinho” que, de alguma

forma, ajudará a minimizar dores do cotidiano.

Não se concebe, portanto, que, no contexto social e geográfico paraibano, a figura do homem com essas características em pleno sertão da Paraíba exista. No entanto, diante do imaginário formulado e estimulado através dos meios de comunicação de massa, é possível que crianças, adolescentes e adultos da Paraíba concedam essa representatividade a esse personagem exportado da cultura consumista estadunidense, que traz brinquedos e promete alegrias e felicidade, apenas numa determinada época do ano. Diante da realidade socioeconômica e geográfica paraibana, podemos indagar mais a respeito de que como é possível se imaginar em pleno sertão árido da Paraíba, de terras secas e sem neve, sem pinheiros e casas sem chaminés, a chegada de um homem em um trenó, escalando chaminés. Portanto, é evidente que, no imaginário dos missivistas, a figura do Papai Noel está atrelada à imagem de uma pessoa bondosa, pertencente a todos os meios sociais, contrariamente aquele estimulado pelos meios de comunicação. E, diferentemente, de Levi Strauss, ao dizer que o Papai Noel “é a divindade de uma classe de idade de nossa sociedade” (LEVI STRAUSS, 2003, p, 11). O Papai Noel, para o contexto dos missivistas paraibanos, também é uma divindade, não apenas pertencente a uma determinada classe de pessoas de idade, mas, sobretudo de abastados e caridosos.

Tabela 4 – categoria analítica -“tecnologias”

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	DISCURSO REPRESENTATIVO
TECNOLOGIAS	COMUNICAÇÃO	<p><i>“Tudo o que eu mais queria era um meio de comunicação para poder da notícias...” “...pois preciso muito...tenho medo de passar problema de saúde com minha vo.” (Vaf2)</i></p> <p><i>“eu gostaria de ganhar era um aparelho de celular da marca Nokia que é um Nokia 2630 [...]” (RAf4)</i></p> <p><i>“[...] todo mundo da rua tem menos eu que não tenho eu fico com iveja...” (Vaf3)</i></p> <p><i>“... eu tenho orkut se você minde made uma mensagem” (CAf1)</i></p> <p><i>“se não poder realiza sonho tem algum nai que poderia pedir. Seria um computador para que no futuro eu passar estudar para que no futuro mae e me os irmao na hora que eles precisar.” (RAf2)</i></p>
	ACESSO À REDE	

Fonte: Dados da pesquisa 2010/2011.

Com o aparecimento e a expansão das tecnologias computacionais, há cerca de 70 anos, o mundo se viu em plena revolução de comportamentos e hábitos jamais imaginados. No decorrer dos anos, as práticas foram alteradas ou simplesmente esquecidas e ultrapassadas, por exemplo, o ato de emitir correspondências manuscritas pessoais, e outros foram inventados, como a comunicação virtual. Todas essas mudanças estimularam e intensificaram, nas últimas décadas, o desejo de consumir produtos em suas diversas formas (roupas, calçados, imóveis, celulares etc.), e mais recentemente, de obter informação. Nesse caso,

[...] sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e no seu corolário — o consumo (DEBORD, 2003, p, 9).

Essa categoria busca compreender a frequência de pedidos por parte dos remetentes e como a tecnologia se faz

presente no cotidiano dos missivistas. Categoria que se justifica pelos que mostram os índices de pedidos relacionados a computadores e celulares, que denota, preliminarmente, uma necessidade de comunicação e de acesso à rede informacional, ou mesmo do “estar na moda” como revela o discurso contraditório do primeiro missivista que, ao mesmo tempo em que se utiliza de um meio de comunicação tradicional como a carta, encontra, no método contemporâneo de comunicação, através das redes sociais, outra forma de manter contato com o Papai Noel. Mas as tecnologias não apresentam apenas condições relacionadas à comunicação ou ao brincar, elas são, também, ferramentas de estímulo para o aprendizado e para a inserção ou pertencimento a um grupo social.

Um celular, um tênis, uma roupa, todos esses objetos fazem parte, hoje, dos instrumentos mediadores de pertencimento a um grupo ou classe. Nesse caso, através das análises das cartas natalinas, é possível compreender essa relação no seguinte fragmento de uma carta originária do Bairro do Rangel, na cidade de João Pessoa/PB, abaixo:

Eu gostaria de ganhar era um aparelho de celular da marca Nokia que é um Nokia 2630 desculpe por dizer qual o celular que poderia ser qualquer um mais eu gostaria que fosse esse pois todos as minhas colegas tem um desse na minha rua e na minha escola e só eu que não tenho as vezes algumas delas pedem meu numero mais eu digo a elas eu não tenho celular ai elas dizem eu pensei que você tinha e eu fico muito triste por só eu não possuir um celular eu mim sinto diferente delas porque os pais delas podem dar o que elas querem e os meus não mais eu tenho fé em deus que papai Noel vai realizar meu sonho de ter um celular igual das minhas colegas.(B1f)

Nesse discurso, temos a representação de que objetos, comportamentos sociais e perfil pessoal compõem, hoje, o que Debord (2003) fala sobre a “sociedade do espetáculo”, ou sociedade das aparências, ao afirmar que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens.” (DEBORD, 2003, p, 09). Ou seja, a sociedade se comporta com base em estereótipos, ídolos, objetos de consumo. Resumidamente, isso se restringe à moda, ou melhor, ao modismo, que as classes superiores estão acostumadas a construir e a desconstruir simultaneamente, numa

tentativa de fuga e de exclusividade em relação às classes inferiores, como bem relata Freitas (2005, apud SIMMEL, 1988): “As classes inferiores começaram a imitar as classes superiores e a se apropriar da sua moda, essas últimas passam a declinar daquelas preferências para adotarem outras novas” (FREITAS, 2005, p, 128). Esse comportamento justificaria, nesse caso, a velocidade de mudanças da moda, nos aspectos de produtos, de vestimentas, de calçados etc. que, através de um “ambiente midiático, fornece a todos, simultaneamente, a mesma informação, sendo impossível manter privativo quaisquer segredos. Sem segredos, evidentemente, não pode haver uma coisa como infância”, alega Postman (1999, apud, CARVALHO, 2008, p, 2).

Portanto, as tecnologias da informação e comunicação apresentam pontos contrastantes de visões. A primeira se relaciona com o cotidiano dos missivistas e a sua necessidade por informação que, por sua vez, materializa-se no anseio de uso de algum equipamento tecnológico como expressam os discursos do primeiro e do segundo missivista, na Tabela 3; e outra como estratégia de fuga aos estigmas coletivos e individuais de uma sociedade carente.

Tabela 5 – categoria analítica - “identidade”.

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS	DISCURSO REPRESENTATIVO
IDENTIDADE	ESCRITA DE SI	<p><i>“minha mãe é desprezada e não tenho pai o meu pai morreu.”(B1m2)</i></p> <p><i>“Eu sempre fui um menino muito esperto mais eu nunca tive condição de ter pai e mãe na vida. Mais eu nunca tive pai e nem mãe [...]”. (B1m4)</i></p> <p><i>“[...] sou uma criança carente filho de pai separado tenho carência [...]” (PZm1)</i></p> <p><i>“O meu maior sonho é me formar para arrumar um emprego e poder ajudar meus pais” (VAm1).</i></p> <p><i>“Porque o meu pai foi queimado junto com os meus e minha casa, estou morando na casa da minha mãe por enquanto.” (GRf1)</i></p> <p><i>“Não tenho mãe, minha mãe me despreza e me disse que quando eu fizer 10 anos eu vou ser rapariga de cabaré.” (B1f3)</i></p>

Fonte: Dados da pesquisa 2010/2011.

Essa categoria sintetiza todas as demais, pois as anteriores confluem para a representação identitária dos missivistas e revelam, portanto, a identidade dos participantes do *Programa Papai Noel dos Correios na Paraíba*. Na maioria das cartas, foi identificada uma ênfase no desemprego dos pais das crianças, a falta de condição por parte dos adultos remetentes, a ausência paterna, seja por motivos de morte ou de desestruturação familiar, uma representação imaginária e real do Papai Noel. Portanto, temos um retrato não muito belo de se observar de desigualdade social, de saúde, de violência e de abandono em que essas crianças estão inseridas, razão por que buscam, na ação social do Projeto Papai Noel dos Correios, uma fuga, ao menos que, por um dia, do seu cotidiano cruel.

Nesse caso, a identidade das crianças é pautada no conceito de “criança-adulto”, aquela que, segundo Carvalho (2008), é

[...] forçada a assumir os adornos físicos, psicológicos e sociais do estado adulto antes de estar preparada. David Elkind [1981] usa a definição criança apressada, apressada tanto pelos pais que preferem acelerar o crescimento e amadurecimento dos seus filhos diante da cada vez mais difícil tarefa de educar, quanto pelo enfraquecimento da autoridade de adultos que perderam o controle sobre o ambiente informacional dos jovens (CARVALHO, 2008, p. 2).

Ressalte-se, contudo, que lidamos aqui com crianças, jovens e adultos que, além de não terem acesso aos meios multimidiáticos, sofrem as influências de uma sociedade capitalista. Por outro lado, escrevem uma biografia por vezes marcada com certo grau de maturidade que, mesmo ainda estando na infância, são forçadas a pensar e a agir como adultos, e por outro lado, os adultos parecem preferir acreditar na existência do Papai Noel.

Portanto, a identidade dos missivistas presentes em suas cartas é revelada, quase sempre, pelo panorama do desespero e da dor, compreendidos, nesse caso, como um grito de socorro. Urge, portanto, ler as cartas, ouvir suas vozes e compreender seus desejos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que teve como foco a investigação da representação social do Papai Noel por parte dos missivistas paraibanos participantes do *Programa Papai Noel dos Correios*, versão 2009, apresenta indícios de que os seus resultados são ainda preliminares, diante do universo de vinte e três mil cartas. No entanto, a representação do Papai Noel materializado na forma documental de cartas, ilustra a que ponto chegou a sociedade civilizada contemporânea, onde a recorrência a ícones imaginários é cada vez mais frequente como tentativa de solucionar os problemas reais. Nesse sentido, ao se apresentar com características de uma investigação documental, indiciária e memorialística, o estudo das cartas revela fortes indícios de que é preciso abranger os campos de investigações. Em se tratando de cartas como documentos, é necessário estender-se às memórias documentárias, que são fontes incansáveis de estudo da Ciência da Informação. Dodobei (2006) afirma que

[...] as memórias documentárias, consideradas os conjuntos selecionados de recursos de informação de quaisquer naturezas temáticas e físicas, são representações de uma memória coletiva e como representações são, ao mesmo tempo, redutoras e duplicadoras do conhecimento produzido.

Diante disso, consideramos que esse estudo não se limita às pesquisas cuja natureza se detenha na coleção de fontes. Pois, Partimos da concepção de Oliveira (2005) de que a Ciência da Informação “está relacionada com

o corpo de conhecimento relativo à produção, coleta, organização, armazenagem, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação” (OLIVEIRA, 2005, p, 16) e, mais que os estudos autobiográficos, revelam-se como mais uma possibilidade de promover e preservar as memórias pessoais, grupos ou instituições, assim como responder a uma demanda da Ciência da Informação e das Ciências Humanas e Sociais acerca das potencialidades dessas fontes como método de investigação e prática social (SÉRIE ESCRITA DE SI, 2011).

Portanto, o estudo interpretativo dos discursos missivistas direcionado ao “ícone” da cultura material de consumo do tempo moderno, o Papai Noel, sugere várias reflexões dos mais diversificados olhares dos pesquisadores, pautando inúmeras problemáticas e discussões em diversas disciplinas, como a Linguística, a Psicologia, a Pedagogia, a Sociologia, a Antropologia, a História, a Ciência da Informação, entre outras.

REFERÊNCIAS

- ARÓSTEGUI, J. **A pesquisa histórica**: teoria e método. São Paulo: Edusc, 2006.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BARDIN, J. **L'Ére logique**. Paris: Robert Laffont, 1977.
- CARDOSO, R. O. **Caminhos da identidade**: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: Unesp; Brasília: Paralelo 15, 2006.
- CARVALHO, D. F.; BATISTA, L. L. A Criança-adulto e o adulto-criança: a Pedagogia Waldorf e a media literacy como perspectivas. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE INVESTIGACIÓN DE LA COMUNICACIÓN, 9. Disponível em: <<http://www.alaic.net/alaic30/ponencias/cartas/ninos_adolescentes/ponencias/GT16_6deborah.pdf>> Acesso em: 14. ago. 2011
- DAUPHIN, C.; POUBLAN, D. Maneira de escrever, maneiras de viver: cartas familiares no Século XIX. In: BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S.; MIGNOT, A. C. V. (Org.). **Destinos das letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UFP, 2002. p. 75-87.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- EBY, F. **História da educação moderna**. 2. ed. Porto Alegre: Globo/MEC, 1976.
- ELKIND, D. **O direito de ser criança**: problemas da criança apressada. São Paulo, Fundo Educativo Brasileiro, 1982.
- FOUCAULT, M. Escrita de si. In: _____. **O que é um autor**. 2. ed. [Lisboa]: Veja Passagens, 1992.
- _____. **Arqueologia do saber**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1997.
- _____. **Microfísica do poder**. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2007.
- FREIRE, B. M. J. **Paixão de informar**: práticas alfabetizadoras no Programa Tijolo sobre Tijolo – Projeto Escola Zé Peão em canteiros de obra. 1999. 289f. (Dissertação Mestrado em Ciência da Informação) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.
- FREITAS, R. F. Comunicação, consumo e moda: entre os roteiros das aparências. **Comunicação, moda e consumo**, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 125-136. jul. 2005.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo, Atlas, 1999.
- GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOLDENBERG, M. **A arte de Pesquisar**: como fazer pesquisas qualitativas em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro. Records, 2004.

GOMES, A de C. (Org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GUERRA, I. C. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo**: sentidos e forma de uso. Portugal: Principia, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
LE GOFF, J. Documento monumento. In: _____.
História e memória. 4. ed. São Paulo: UNICAMP, 1994.

_____. **A civilização do ocidente medieval**. Bauru: EDUSC, 2005.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rosseau à internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LÉVI-STRAUSS, C. Papai Noel supliciado. **Revista Anhembi**, São Paulo v. 6, n. 16, 1952.

MOREIRA, M. A. Na rede do tempo: história da literatura e fontes primárias – a contribuição de Joaquim Norberto. In: ZILBERMAN, R. et al. **As pedras e o arco**: fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte: UFMG, 2004. p. 119-198.

MIRANDA, W. M. Archivos e memória cultural. In: SOUZA, E. M.; MIRANDA, W. M. **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê, 2003. p. 35 - 42.

MORIN, E. **Para sair do Século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

OLIVEIRA, M. de. et al. **Ciência da Informação e Biblioteconomia**: novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

PASSEGI, M. da C. Memoriais auto-biográfico: a arte de tecer uma figura pública de si. In: PASSEGI, M.C.; BARBOSA, T.M.N. (Org.) **Memórias, memoriais**: pesquisa e formação docente. São Paulo: Paulus: Natal: EDUFRN, 2008.

PINHEIRO, A. C. F. **História da expansão da rede de ensino público estadual na Paraíba (1900 a 1945)**. (Projeto de Pesquisa – digitado), 2002.

SÁ-SILVA, J. R. et al. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, jul. 2009. Disponível em <<http://www.rbhcs.com>>. Acesso em: 3. fev. 2012.

VENANCIO, G. M. Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, A. de C. (Org.). **Escrita de si**: escrita da História. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 111 – 138.

Dados sobre autoria

*Doutora em Letras/UFPB, docente do Departamento de Ciência da Informação/UFPB.
E-mail: bernardinafreire@gmail.com

**Bacharel em Arquivologia/UFPB e licenciando em História/UFPB).
E-mail: derek_mg@hotmail.com

***Bacharel em Turismo/IESP e bacharelanda em Biblioteconomia/UFPB).
E-mail: brendinhaalves@hotmail.com

Artigo enviado em setembro de 2012 para a edição especial da [revista](#).